

BOLETIM E

boletim informativo do ime usp

produção dos estudantes do ime usp em greve | outubro. 2023

De lá pra cá, o que tivemos de novo?

Relembre, dia a dia, os acontecimentos da segunda semana de greve dos estudantes do IME.

página 2

Texto sobre permanência

Uma reflexão sobre a questão da permanência estudantil.

página 3

Relato sobre a Greve

Um texto pessoal de um estudante diante das suas percepções da Greve

página 4

Educação não é opção quando não há democracia popular

Uma Resposta à “A luta pela Educação Precisa Ser Feita Com educação” (Jornal USP)

página 6

Insatisfação com a greve

Breve parágrafo trazendo um contra-ponto à Greve.

página 8

Uma carta pelo voto online

Reflexão pelo argumento do voto não presencial, visando maior inclusão.

página 8

Sobre opor a greve

Pequena discussão sobre a importância de movimentos disruptivos em tempos de inação.

página 8

VISÃO GERAL DA USP CAPITAL

EM GREVE

IME, IF, IAG, PSICO, PEDAGO, LETRAS, SOCIAIS, GEOGRAFIA, HISTÓRIA, FILOSOFIA, IRI, IGC, IO, CIÊNCIAS MOLECULARES, ECA, ICB, FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA, POLI, FOFITO, EACH, IQ, ENF, BIO, FAUD, SANFRAN, VET, FARMA, FEA, EEFE

PARALISADO

ODONTO

NÃO ADERIU A GREVE

MED

INTERIORES

OCUPADA

Prefeitura do Campus de Ribeirão Preto

PARALISADA

Escola de Engenharia de Lorena, até 02/10
Campus de Ribeirão Preto

ASSEMBLEIA MARCADA

CAASO - USP São Carlos, 10/10

O BoletIME da greve quer ouvir você! escreva para a gente através do formulário:



De lá pra cá, o que tivemos de novo?

30/09, sábado

O Grupo de Trabalho de Coleta de Dados trouxe o primeiro informativo com resultados preliminares do levantamento (em processo nesse momento) de quantos professores o IME precisaria para recompor o quadro a um nível estável.

02/10, segunda

O dia de paralisação dos estudantes do IME, com o calendário:

- 10h - Oficina de krafts + Agitação com música
- 14h - Assembleia com Indicativo de Greve
- 16h - Concentração para o Ato
- 17h - Ato em frente à Reitoria
- 19h - Assembleia com Indicativo de greve

03/10, terça-feira

O Comando de Greve do IME-USP apoia a greve dos metroviários contra a privatização!

04/10, quarta-feira

Devido ao conflito de calendário, a assembleia prevista para dia 3 de outubro foi adiada para 4 de outubro, quarta-feira, mantendo os mesmos horários - 10h e 19h - a fim de abranger a máxima quantidade possível de participantes, visando atender às necessidades de cada um.

Conforme votado na assembleia anterior, foi discutido e debatido a questão do voto online e voto secreto para as próximas assembleias, contando com participação dos alunos que se candidataram às falas abertas. Foi sugerido a implementação de um mecanismo de consulta online como forma de avaliar de maneira mais acessível as opiniões gerais, sendo o debate central a sua deliberatividade.

Com isso, foi aprovada realizações de consultas online não deliberativas - ou seja, sem poder de decisão - para as próximas assembleias.

A continuidade da Greve e do piquete também foram aprovados. Segue a contagem de votos:

Resultado das assembleias diurnas e noturnas:

Continuação da greve

A favor: 98

Contra: 14

Abstenções: 12

Continuação do piquete

A favor: 91

Contra: 18

Abstenções: 15

Quórum total: 124 IMEanes

**ASSEMBLEIA GERAL
DA USP CAPITAL**

09/10 (SEGUNDA)

18H30MIN

VÃO DA FFLCH

**PAUTA: CONTINUIDADE
DA GREVE**

Texto sobre permanência

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

I. Breve história do ensino médio até a USP

Eu saí do ensino médio em 2013, e vim de uma escola pública comum. De 2013 a 2018 mescliei períodos intensos de estudo e trabalho, vendo na minha formação em uma boa universidade a única chance de sair do quadro de pobreza e miséria. Por carregar toda essa pressão, acabei desenvolvendo burnout, depressão e insônia (ambas em tratamento, não de maneira constante por conta de minhas condições financeiras), tal fato será importante nas próximas seções. Por estar em uma condição extrema, acredito que eu possa de alguma forma contribuir com novas pautas e complementando estas pautas atuais.

II. Principais problemas enfrentados quanto à permanência na USP

O primeiro problema que posso citar é justamente a questão financeira. Infelizmente os auxílios financeiros da universidade não tem sido suficientes para ter uma estabilidade nos estudos, sem precisar me preocupar com as despesas de casa. Mesmo com o aumento do PAPFE para R\$800, o custo mínimo para uma pessoa se manter em SP, é de R\$1500-3000 reais, ainda mais para alunos que já atuam como arrimo de família, pois necessariamente, o núcleo familiar de alunos PPI de maneira geral, tem que repor financeiramente o desfalque que um aluno traz ao ter que se dedicar somente aos estudos.

Entretanto, na prática os alunos de baixa renda têm que se virar para encontrar estágios na USP, fazer "maracutaias" para conseguir um estágio ou até mesmo trancar o curso para complementar sua renda em casa. Contudo, pensando só nos estágios da USP somado ao valor atual do PAPFE, o máximo que um aluno poderia conseguir em tese, seria R\$1800,00. Entretanto, se o PAPFE fosse aumentado para R\$1000-1500 com um estágio na USP um aluno PPI conseguiria ter uma folga maior para ajudar em casa e conciliar os estudos.

Penso também que levar só R\$1000,00 como aumento imediato do PAPFE pode gerar uma desidratação no valor final concedido via negociação, por isso acredito que levar o valor de aumento de R\$1000 para R\$1500 poderia trazer um aumento mais significativo neste auxílio. Além disso, pode-se citar o fato dos créditos de auxílio alimentação muitas vezes serem subutilizados pois alunos PPI passam muito tempo em transporte na ida e volta, o que inviabiliza as refeições nos restaurantes universitários.

Desta forma, queria sugerir como pauta uma flexibilização do auxílio alimentação, podendo este ser pago em dinheiro ou em créditos nos restaurantes universitários para os alunos PPI, pois permite maior flexibilidade quanto ao próprio uso do valor para confecção de alimentação específica, de acordo com o contexto de cada aluno.

Penso também que o IME deveria permitir os estágios já a partir do ingresso do aluno no BCC, permitindo mais autonomia ao aluno e menos dependência financeira da universidade, o que ia requerer maior flexibilização dos horários das disciplinas e possíveis mudanças na grade horária.

Outro fator também muito áspero aos alunos PPI é o período de extensão do prazo do curso, que poderia ser maior que 1/4 do curso (2 anos) para alunos enquadrados em quadro de vulnerabilidade social, emocional e que são contistas. Falo isso porque sou um, e não digo isso em tom de preconceito, mas é fechar os olhos para a realidade pensar que um aluno PPI vai conseguir conduzir o curso no período estipulado pela CG, uma vez que todos os desafios enfrentados por estes alunos são bem maiores que os problemas que um típico aluno da USP enfrenta.

Além disso, também deveria haver uma iniciativa da universidade quanto a provisão de equipamento para que o aluno possa seguir no seu curso. Dificilmente um aluno de baixa renda/contista, conseguirá investir R\$3000-4000 em um notebook. E aqui cabe uma sugestão: a universidade poderia ter parcerias com a iniciativa privada para a concessão destes equipamentos a alunos que precisarem de fato desta ajuda. O mais próximo que ocorreu foi o projeto Conectividade do IME, na qual me doou um notebook mas

que já apresenta falhas e tem dificultado as minhas atividades de estudo, por exemplo.

Como um último adendo, poderia ser debatido a bolsa USP diversa, que teve ampla divulgação da mídia mas que até agora nem teve edital lançado aos alunos. Isso porque já falei com o pessoal da SAS e não conseguiram me dar uma posição concreta sobre o suposto auxílio.

III Outros

Também acho importante citar que seria ótimo um aluno poder ter seu TCC substituído por seu estágio, uma vez que estaria sendo remunerado e estaria trabalhando em algo que realmente o mercado exige, saindo um pouco do mundo acadêmico que a USP oferece, que infelizmente, na maioria das vezes não dialoga com a realidade da sociedade, principalmente com o "povão", que é de onde muitas vezes se originam os alunos contistas da universidade.

Esses são alguns apontamentos que queria fazer. Penso que por ser PPI talvez eu consiga ter falado de uma maneira mais profunda e prática sobre as questões de permanência estudantil no IME. Peço perdão por erros de escrita ou se pareci grosseiro. Só parece muitas vezes que a USP, e em especial o IME é um ambiente construído de cima pra baixo, não o contrário.



Relato sobre a Greve

O texto a seguir foi enviado via o Forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

Abro o navegador de internet, procuro as notícias do dia e me deparo com fotos do piquete do IME sendo exibidas como capa de diversas publicações. Títulos como “Formamos alunos para serem críticos, mas movimento que usa força não cabe na USP” são comuns. Frases como essa parafraseada sendo ditas pelo próprio reitor da Universidade, em um dos maiores movimentos grevistas dos últimos anos. E o motivo da greve? As causas? As entrevistas com participantes? Isso nunca é divulgado.

Em meio a essa desinformação sendo explicitada a todo momento pelos meios de notícia, que nem sequer buscam confirmar as informações publicadas, é necessário trazer um pouco de esperança, informação e acima de tudo, explicar a situação com respeito a todos.

Me lembro especificamente de terça-feira, dia 25 de setembro, quando cheguei no IME pela primeira vez, após o início da greve, para participar da assembleia que iria debater e determinar a continuação ou não dos piquetes, além de outras pautas, e senti uma pequena estranheza vendo aquele ambiente, mesmo sendo a favor da greve. Tal estranheza passou também, quando pude ver as pessoas que eu conhecia e ter sido bem recepcionado, como se fosse um dia comum. Tive também a oportunidade de fazer parte do movimento, recepcionando por um tempo as pessoas que chegavam. E na hora da assembleia, me surpreendi: uma grande quantidade de pessoas, engajadas politicamente, para discutir o movimento. Mesmo nem todos sendo a favor da greve, todos que estavam ali foram discutir e ouvir o posicionamento de outras pessoas. E quando começou, uma assembleia totalmente organizada, com uma pequena introdução, e espaço para a voz de todos. Como a ideia não era de debate, mas sim de expressão de opiniões, em momento algum qualquer pessoa foi desrespeitada, tanto aqueles que eram a favor ou contra a greve puderam falar e expor seus pontos de vista, enquanto o restante ouvia, e esperava sua própria vez para falar. Quando havia

discordância, não ocorria discussão, e sim uma explicação e reforço de outro ponto de vista. Assim, a assembleia termina, com a votação pela continuidade da greve sendo vencedora.

Além disso, foram propostas após as assembleias diversas reuniões pelo instituto com seus docentes e coordenadores de curso, que de certa forma aceitaram cooperar e conversar, ouvir as demandas dos estudantes nesse período difícil. Aliás, a própria ADUSP (Associação dos Docentes da USP) aprovou a greve, ao entender que não reivindicamos direitos apenas para nós alunos, porém para eles também, visto que com a principal reivindicação sendo a de contratação de novos docentes deve liberar uma carga excessiva de aulas desses professores, que poderão focar também em pesquisas e evitar uma sobrecarga.

Por dados levantados no próprio IME, grande parte dos docentes do instituto são responsáveis por lecionar mais de 100 alunos. Diversas matérias optativas deixam de ser oferecidas anualmente por falta de docentes, e outras acabam sobrecarregadas, com mais alunos do que o permitido. Bolsas de monitoria para alunos em falta, gerando mais sobrecarga aos professores que ficam sem monitores em suas matérias. Alunos de cursos como o Bacharelado em Ciência da Computação e o Bacharelado em Estatística sem poder se graduar, pois não há professores para lecionar a matéria obrigatória de Língua Portuguesa. Essas e outras pautas são discutidas e estão sendo organizadas e reivindicadas.

E a resposta da reitoria, em meio a tudo isso? Dizem que já estão lidando com essa falta de professores, sem se comprometer a ouvir nenhuma das outras reivindicações, nem ao menos ler os dados enviados. Se comprometem a contratar metade dos professores necessários, em um prazo longo, enquanto há cursos na universidade deixando de existir. A 85ª melhor universidade do mundo, perdendo cada vez mais sua diversidade de ensino e pesquisa, por pura negligência a um movimento político. Ao reitor, fica a pergunta, não seria mais fácil ouvir as reivindicações dos alunos? Não seria melhor ajudar a pressionar o estado e tentar agir em prol de melhorar a universidade?

Agora fica a questão, em meio a esse ambiente em que foi dada a voz para todos que precisassem falar, e quisessem talvez convencer outros sobre seu ponto de vista, onde se ressalta o uso da força que a reitoria está falando? Onde está a violência, sempre apontada pelos meios de notícia? No IME não está!

Aos senhores jornalistas, que escrevem notícias falaciosas e produzem um conteúdo enviesado, próprio para ganhar clicks de internautas e gerar revolta popular, comentários sobre a notícia, qual a herança vocês acreditam que isso deve trazer à universidade pública? Não apenas à USP? Vocês carregam responsabilidade por tudo aquilo que escrevem, e agora me parece o melhor momento para que os alunos sejam realmente entrevistados, e possam expor seu ponto de vista para a sociedade.

Espero que essas palavras sejam lidas e espalhadas, pois em um momento sensível como esse na história da nossa universidade, os alunos se juntam para lutar pelos seus direitos, de forma respeitosa e baseada no diálogo, como deve ser feito.

190: Boa tarde, qual a sua emergência?

Reitoria: socorro, os estudantes estão organizados pelos seus direitos!!!

EDUCAÇÃO NÃO É OPÇÃO QUANDO NÃO HÁ DEMOCRACIA POPULAR:

Uma Resposta à “A luta pela Educação Precisa Ser Feita Com educação” (Jornal USP)

por Diana Cruz Pestana, estudante do Bacharelado de Física IFUSP e membra da diretoria do Cefisma

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

O professor Paulo A. Nussenzeig, pró-reitor de Pesquisa e Inovação, escreveu, no dia 23/09/2023, uma crítica à recente mobilização estudantil que tomou conta do campus Butantã da USP. Em seu texto, ele chama os estudantes de “totalitários” e critica a falta de diálogo do movimento, tentando também deslegitimar as greves estudantis.

Nos últimos anos, não tem sido raro encontrar influenciadores políticos tomando posturas semelhantes, mas exageradas, afirmando que “estudante não faz greve”, apontando que há um “viés ideológico” presente nas universidades paulistas que está afastando os estudantes de seu estado natural de estudo. Essas afirmações demonstram um desconhecimento da história das greves estudantis, que não são exclusivas do contexto brasileiro, como mostra a greve sul-africana “#NoMoreFees” de 2015, que lutava contra o aumento das taxas acadêmicas, e a greve estudantil americana de 1970, que lutava contra avanços da Guerra do Vietnã.

Além disso, greves estudantis não são exclusivas da modernidade. Contamos com exemplos das universidades medievais, como a greve da Universidade de Paris de 1229, em resposta à morte de um grupo de estudantes pela guarda de Paris. Apesar de outras formas de greve possuírem maior respaldo legal no Brasil, observamos que as greves estudantis são tão antigas quanto o conceito de universidade. Essas são, portanto, uma forma tradicional de manifestação estudantil, nada exclusiva do contexto em que a USP atualmente se encontra.

Segundo dados levantados pela Adusp, o corpo docente da USP encolheu em 17,5% desde 2014, representando uma perda de 1.042 docentes. Tal fato se torna ainda mais alarmante ao considerarmos que o corpo discente cresceu em 12,2% na universidade entre 2014 e 2022, um aumento de 9.747 estudantes, segundo o anuário estatístico da USP. Assim, no decorrer desses últimos 9 anos cada docente ficou responsável por cerca de 33% mais estudantes. Esses números tornam evidente o processo de precarização do cargo. Conseqüentemente, essa carência também resulta na perda de qualidade do ensino universitário que deveria capacitar as próximas gerações de professores.

A diminuição do número de professores tem efeito direto na jornada acadêmica dos estudantes, que enfrentam uma redução não só no número de disciplinas eletivas oferecidas, mas também de obrigatórias, que são canceladas por falta de docentes para oferecê-las. Além disso, as disciplinas obrigatórias que são oferecidas frequentemente lotam, e com isso uma parcela dos estudantes é impedida de cursá-las em período ideal. A USP recentemente adquiriu o status de melhor universidade da América Latina, segundo o relatório internacional da Quacquarelli Symonds. Não parece adequado sustentar esse título enquanto vários cursos, como Letras-Coreano e Obstetrícia, estão desestruturados pela falta de professores. As pautas levantadas pela greve são relevantes à medida que buscam frear a precarização da nossa universidade, objetivo que deveria ser do interesse de toda a comunidade universitária.

A afirmação do pró-reitor de que o movimento estudantil é totalitário ignora as disparidades políticas que existem nos Conselhos Universitários: estudantes e funcionários possuem poucos representantes, enquanto os docentes são maioria. Nesse contexto, os interesses dos estudantes são sub-representados em um regime que este sim assemelha-se ao totalitarismo, fato que é evidenciado justamente pela falta de docentes afetar especialmente o corpo discente.

O pró-reitor ainda menciona que não é razoável considerar democráticas as decisões das Assembleias de Estudantes já que, apesar de aberta, só uma parcela dos estudantes é presente. Por outro lado, as comissões de graduação da

universidade são fechadas, tomam decisões que afetam diretamente os estudantes, e é possível contar nos dedos o número de representantes discentes nelas presentes. Assim, se por essas razões as assembleias estudantis não são democráticas, então a conclusão lógica é que as congregações são tiranas. Para que a universidade seja um ambiente de democracia popular é fundamental que toda a comunidade universitária tenha seus interesses devidamente representados nos espaços deliberativos, e por isso uma das pautas de greve na física é que as congregações sejam no mínimo abertas a ouvintes.

Quando um professor é contratado, supostamente reconhece-se nele uma autoridade científica, pedagógica, burocrática, entretanto devido a estrutura política da universidade é concedida a estes uma autoridade de “governar politicamente” sobre os estudantes como chefes de departamento, presidentes de congregações, diretores, pró-reitores e reitores. Enquanto grevistas que defendem contratações, é fundamental refletirmos acerca dessa estrutura, e também de onde e quais são as autoridades que reconhecemos nos professores. A estrutura política da universidade precisa refletir com mais clareza uma democracia popular, e para isso é necessário evitar o surgimento de uma “casta de professores” como apontada no Manifesto de Córdoba.

Quanto ao suposto caráter “anti-democrático” das greves estudantis, afirmo que existe uma democratização do poder à medida que os estudantes participam das decisões políticas da universidade e defendem seus interesses, muitas vezes pela primeira vez. A greve promove intensos debates, reflexões, coletas e análise de dados acerca do contexto universitário. Portanto, se a universidade se propõe a ser um ambiente de desenvolvimento das capacidades críticas de um indivíduo, defendo que seu potencial é bem explorado durante uma greve estudantil.

Enfatizo que existem múltiplas formas de comunicação: algumas que usam canais mais tradicionais, outras que são mais vulgares. Esses primeiros canais, mais “educados”, são discretos e no melhor dos casos mantêm as demandas estudantis reservadas à discussão interna. Os piquetes, assim, são uma forma de expressão denunciativa; chamam a

atenção das diretorias e do público externo a fatos que, se apresentados em uma reunião ou em um e-mail, permaneceriam ignorados por maior parte da comunidade. Assim, o piquete é sim democrático pois pausa o frenético ritmo universitário para conscientização, reflexão e debate acerca de nosso contexto material, no piquete da física várias surgiram conversas muito pertinentes por vezes incluindo professores e funcionários que jamais ocorreriam se não por meio deste.

Nesse âmbito, não é surpreendente que a greve incomode alguns professores e estudantes, afinal, o intuito de uma greve é incomodar os confortáveis e confortar os incomodados. É relevante lembrar que, não muito tempo atrás, a USP era uma exclusividade de uma elite paulista, até chegar o “discurso carregado de ideologia” ao qual o professor se refere. A luta pela educação existe pois se reconhece o poder transformador que ela tem, mas que só é pleno quando há acessibilidade e qualidade. Por isso defendo que qualquer debate em defesa de uma educação exclusiva, que não considera a diversidade, é um demérito não só a USP mas ao Brasil, que muito se prejudica pelo potencial não explorado da população mais marginalizada e sem acesso à universidade. Como uma universidade pode ser democrática e para todos, se a estrutura deliberativa em si não é democrática e nem para todos? Defendo não só mais professores, mas também a democratização desse processo em si para que decidam-se quais professores, e evite-se por exemplo a contratação de docentes com denúncias de assédio como ocorreu nesse ano no IFUSP, que só não foi homologada devido a intensos protestos estudantis.

Que fique claro: todo estudante deve sim respeitar professores, funcionários e colegas. Entretanto, existe um limite entre respeito e subserviência, e a palavra “educação”, em certos momentos, é usada para borrar essas fronteiras. Não sejamos ingênuos aqui, pois já vivemos tempo o suficiente na USP para saber que as pessoas “educadas” nem sempre são as mais virtuosas e as mais interessadas em melhorar a universidade.

Insatisfação com a Greve

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

O IME deve tem milhares de alunos e houve na última assembleia a presença de pouco mais de 100 alunos para votação que resultou na continuidade da greve, não há legitimidade de quem está fazendo a greve que é uma minoria de alunos. Deve-se discutir o interesse dos alunos nas aulas, o que vejo são jovens descomprometidos com o próprio futuro e desinteressados no curso que fazem, não há falta de professores tampouco falta de estrutura na USP.

Uma carta pelo voto online

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

"Tem que ser presencial se não as pessoas não tem pertencimento", quase paradoxalmente esta frase une o meu empregador e o movimento estudantil, mas me divide de ambos, uma vez que não consigo, muitas vezes, expressar e construir a minha opinião com o segundo por conta da obrigação (ou dependência) do primeiro.

Não consigo entender porque a resistência em trazer debates e decisões para mais perto dos estudantes com mecanismos online, uma vez que estes aumentam a possibilidade de participação e são - atenção - complementares aos eventos físicos.

O medo da despolitização do debate virtual é medo de uma hipótese. Nunca testamos esse modelo antes. Pior, é um medo que ignora a vivência democrática brasileira.

O voto no Brasil é desenhado para trazer a maioria. Temos urnas em todos os lugares possíveis. Instituímos voto obrigatório. E, mesmo assim, brancos, nulos e abstenções são quase metade das contagens.

Se mesmo quando o voto é obrigatório quem não quer participar não participa, quão baseada no mundo real é a

hipótese da despolitização do voto online?

Ao ignorar a tecnologia os estudantes escolhem que impere um viés de seleção. É um perfil de estudante que pode participar das assembleias presenciais. As línguas mais afiadas dizem que existe um medo por parte de lideranças progressistas de que outros perfis de estudantes estejam correlacionados a outras visões de mundo e somem votos às visões políticas divergentes do status quo do movimento estudantil.

Talvez isso seja verdade, talvez não seja. O que é verdade é que negar a tecnologia reduz a participação de estudantes de TODOS os espectros políticos.

Existem várias formas de mesclar o físico com o remoto, a pandemia já nos ensinou isso, e até as plataformas sociais estão cheias de features de streaming e interações entre o físico e virtual. Podemos empregar transmissões simultâneas, interação online, perguntas mandadas por mensagem...

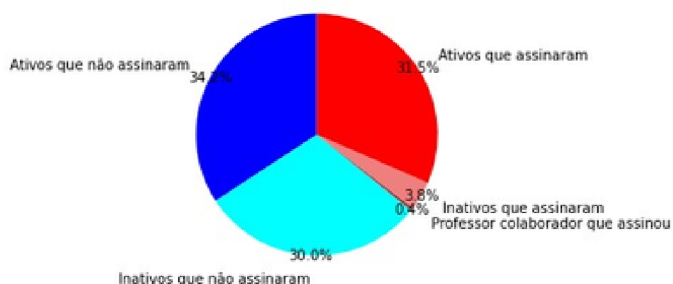
Por fim, acredito que criar esses mecanismos de voto não presencial é o correto se a inclusão for de fato nossa preocupação, e quando realizarmos como foi tão fácil e tão bom para expandir as boas discussões vamos nos sentir idiotas por não o termos feito antes.

Sobre opor a Greve

É inevitável que todo tipo de movimento disruptivo como uma greve gere opiniões contrárias. São movimentos que questionam o sistema quando vozes não são ouvidas e demandas ignoradas; movimentos que pressionam os beneficiários pela não-escuta. Durante a atual Greve dos estudantes, no contexto imeano, não foi diferente. Desde o início houve resistência por parte tanto de grupos de estudantes quanto de grupos de professores vocalizando posturas opostas à Greve, manifestando-se de maneiras não-oficiais – como E-Mails e baixo-assinados – e também na forma de participação das assembleias, votando contra a continuidade da Greve.

O IME possui grades taquicárdicas, e muitas vezes um pequeno atraso de duas aulas é o suficiente para colocar a continuidade da disciplina inteira em cheque. Não à toa que a taxa de reprovação do Instituto é a maior da Universidade; ou que a taxa de desistência do IME esteja, também, entre os maiores da USP. Com isso, não é totalmente incompreensível que existam alunos – ou até mesmo professores – contrárias à Greve. Porém, é extremamente importante que cada um de nós tenha, também, a consciência das reivindicações do atual movimento, dos motivos que levaram ao estopim do cenário atual, e da importância de pressionar e lutar por um espaço acadêmico digno para nós, estudantes, e professores. Nisso, é nítido que a maioria do Instituto possui, ao menos, um conhecimento mínimo sobre: as vozes contrárias ao movimento são uma minoria; e apesar da aparente oposição em massa dos professores, somente um terço é contra o movimento.

Docentes do IME que assinaram a carta antigreve antes das 16h de 04/10/2023



Dados levantados pelo GT de Dados da Greve

No dia 4 de outubro de 2023, representantes da greve geral dos estudantes participaram de uma negociação com a Reitoria, chegando a conclusões muito significativas das pautas de reivindicações dos estudantes, demonstrando a clara efetividade que o movimento tem atingido no relativo curto período de ação, especialmente comparado com os resultados da primeira tentativa de negociação – quando a Reitoria deu a entender uma postura de atrito por exaustão –. Mais uma vez volta-se à discussão sobre a importância de movimentos não-conciliatórios e disruptivos diante de estruturas que não visam sequer a escuta das nossas demandas urgentes que ameaçam não só a própria existência daquilo que gostaríamos de cursar, como também do bem-estar dos nossos professores dentro de um cenário de sobrecarga de trabalho.

Diante deste momento de terremoto social que a USP inteira se encontra, é de extrema importância que os estudantes possam se unir para contar as nossas histórias, o nosso cotidiano, as nossas demandas e dificuldades. Juntos vamos escrever e construir o BoletIME da greve!



Nota final

Nós, do BoletIME, recebemos pelo formulário um pedido para divulgar a carta de resgate que grupos anti-grevistas pretendem mandar ao Diretor. Apreciamos a disposição em escrever tal carta, mas não temos o menor apreço em associar conosco tal conteúdo que apequena o debate e a greve solicitando um resgate ao Diretor.

Anti-grevistas, lutem por suas reivindicações, não fiquem aí chorando por elas.